

Desafios éticos e pedagógicos da pandemia

Pandemic Ethical and pedagogical challenges

João Décio Passos*

Recebido: 09/10/2020

Aprovado: 30/10/2020

Resumo:

A reflexão levanta os desafios éticos e pedagógicos da pandemia do novo Coronavírus. Ancorada na práxis docente de teologia na universidade, apresenta um estado da arte da conjuntura atual e busca as formas de discernimento dos fatos, das interpretações e dos significados religiosos dados aos mesmos. A apresentação dos desafios pedagógicos do discernimento crítico das informações e as aulas no formato remoto são relevantes. Adota a noção de sinais dos tempos, oferecida pelo Vaticano II, como postura e método da análise.

Palavras-chave: Discernimento, Pandemia, Pedagogia e Teologia

Abstract:

The reflection raises the ethical and pedagogical challenges of the new coronavirus pandemic. Anchored in the teaching practice of theology at the university, it presents a state of the art of the current situation and seeks ways to discern the facts, interpretations, and religious meanings given to them. The presentation of the pedagogical challenges of critical discernment of both information and classes in remote format are relevant. It adopts the notion of signs of the times offered by Vatican II as a posture and method of analysis.

Keywords: Discernment, Pandemic, Pedagogy and Theology

Introdução

A pandemia, desencadeada pelo Covid-19, pode ser um momento rico de aprendizagem, na medida em que trouxe à tona o inesperado e configura uma crise generalizada. Do ponto de vista da interpretação dos fatos, a presença da pluralidade de leituras instaura uma verdadeira guerra de versões. No fundo dessas interpretações, podem ser localizados pressupostos éticos, senão teológicos ou metafísicos. Cosmovisões e teodiceias (ESTRADA, 2004, p. 35-42) circularam na superfície e no fundo das leituras feitas a cada dia pelos vários sujeitos e veículos de comunicação.

* João Décio Passos é livre docente em teologia, professor no ITESP e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, da PUC - SP.

Nesses tempos, as mídias praticaram a divergência de interpretações na potencialidade máxima, como em um autêntico laboratório de relativização da verdade e, até mesmo, de deformação e negação dos fatos. No caso brasileiro, o conflito entre as versões construiu territórios políticos antagônicos e, em boa medida, realinhou a própria tendência hegemônica do governo de ultradireita (MONTENEGRO, 2020). A incerteza ainda é vivenciada como clima, como desconforto e como nome concreto do futuro que virá.

O exercício docente ensina a pensar e transmite com posturas e palavras leituras éticas e políticas para os discentes. Os docentes não são figuras neutras nessa grande crise. Na verdade, marcam posição em relação aos fatos, mesmo que praticando uma suposta indiferença, ou refugiando-se em conceitos e teorias distantes dos fatos atuais. A geração da era da informação a ser educada não é tabula rasa em nenhum assunto; ao contrário, conecta-se em tempo real e contínuo com os acontecimentos mundiais e locais; adere e reproduz as leituras dos fatos que recebe pelas mídias onipresentes e coladas aos seus corpos e mentes. O docente de teologia lida com sujeitos saturados de informações e absorvidos por juízos de valores variados, embora nem sempre recepcionados com o espírito autenticamente crítico. Ser docente hoje é ensinar a discernir (separar, julgar) e não informar sobre fatos. Afirmar o valor da ciência tornou-se uma lamentável batalha, uma urgência em meio às deformações dos fatos e até mesmo perante a negação da crise sanitária. De sua parte, a perspectiva teológica é sempre um discernimento, na medida em que, por sua natureza epistemológica, julga de forma valorativa a realidade presente.

1. Os desafios pedagógicos da pandemia

Na conjuntura de pandemia, a pergunta pela verdade nunca foi tão urgente. A recepção dos fatos e o discernimento político, ético e teológico dos significados veiculados pelos discursos religiosos ou políticos se apresentaram como urgentes. Contudo, a pandemia mundializada, vivenciada como grande crise sanitária, monitorada em tempo real pela grande mídia, explicada pelas ciências e enfrentada como desafio econômico pelos governos, não se apresentou como consenso hermenêutico. Ao contrário, deu lugar às mais diversas interpretações. O isolamento social não foi um detalhe nesse processo. Ao contrário, criou um lugar social e político fundamental, seja por exigir a conexão dos indivíduos isolados com as redes sociais, restringindo, muitas

vezes, as leituras usuais a esses meios, seja por impedir construções políticas e hermenêuticas públicas: na praça, nas ruas e na sala de aula onde as leituras constroem consensos simbólicos com maior impacto político. A guerra dos discursos entre as esferas distintas dos governos e a luta travada pela grande mídia em relação ao significado dos fatos acrescentam elementos que dividem as opiniões e radicalizam as posturas.

As aulas remotas também não são neutras. Bem ao contrário, constituem um modo de relação anônima que pode esconder as posições dos alunos na distância ou no silêncio. A prática pedagógica esteve pautada até agora na interação direta com os docentes: na leitura pedagógica dos corpos (das posturas, dos olhares, das conversas paralelas etc.) e na composição de reflexões a partir das reações dos mais atentos e da ausência dos menos atentos. A construção conceitual da aula por meio da interação fica truncada, quando não exige novos aprendizados pedagógicos de ensino remoto. Novos sujeitos, novas relações e novos processos educacionais. A distância constitui um desafio para a construção de consensos lógicos, éticos e políticos sobre a conjuntura atual. É preciso superar o anonimato ético que emerge do individualismo e do relativismo da desterritorialização. Por certo, a atividade remota exige outras mediações e outras leituras que ainda não estão aprendidas e assimiladas e que, no momento, seria necessário e urgente serem ensinadas-aprendidas. O fato é que a conjuntura da pandemia oferece um contexto histórico inédito; aprender e ensinar a ler esses fatos é uma tarefa, ao mesmo tempo cognitiva, política, ética e teológica. Trata-se de uma outra *Polis*: da convivência sem espaço físico, sem a antipatia e a simpatia inevitáveis, sem a estética dos corpos, sem as trocas de opiniões e do confronto das oposições; convivência que supera e dispensa o outro real e concreto com quem se negocia inevitavelmente o espaço comum, contíguo ou próximo. O próximo se esconde no distante, o concreto se dilui no virtual e o outro pode dissolver-se no anonimato. Como construir a ética do distante, a casa comum do anônimo, o consenso dos isolados, o mundo comum dos virtualizados? Eis o desafio novo e urgente para quem tem a tarefa de ensinar a pensar, a discernir, a sentir e a solidarizar-se. Mundo novo, sala de aula inédita, incertezas.... Qual o papel pedagógico da teologia?

2. A docência de teologia como discernimento da realidade

Todo docente é um sujeito de discernimento ético. O docente ensina com as posturas e discursos, mesmo quando não assume conscientemente essa prática. Em tempos de crise, os discursos se tornam inevitavelmente políticos, ajudando a expor ou esconder os sintomas emergentes; são sempre julgamentos da realidade que busca forma e sentido em meio às divergências e incertezas. Por outro lado, a pré-noção (GADAMER, 2002, p. 400-425) que os estudantes trazem de um professor de teologia contribui positiva ou negativamente com a consolidação dessa postura de intérprete de uma dimensão profunda da realidade, de modo particular das situações-limites como a que se vivencia hoje. Pode-se afirmar que, *a priori*, o docente não é um sujeito neutro para os alunos; esperam dele uma postura hermenêutica diferenciada e perante essa expectativa decodificam os discursos e a cada professor, seja com a postura de adesão, de negação ou de indiferença aos posicionamentos assumidos em qualquer direção. O professor de teologia situa-se inevitavelmente na zona delicada dos valores e, nesse território, constrói referências para os educandos. Na conjuntura atual essa circularidade hermenêutica torna-se, por certo, mais dinâmica e, até mesmo, mais conflitiva. Mas, se impõe como prática pedagógica a ser assumida pelos sujeitos em busca de discernimento dos fatos e dos significados.

Em termos estritamente pedagógico, pode-se dizer que o docente de teologia – assim como qualquer outro - ensina a condição humana e a condição terrena, ensina a duvidar e a crer em fatos e valores (MORIN, 2003). Em termos teológicos, ensina a discernir os sinais dos tempos (ou seja, a ler os fatos e dar a eles um significado a partir da fé. A cada geração e com a ajuda da linguagem das ciências, o teólogo interpreta a realidade, ensina o Vaticano II (GS 44). Em termos metodológicos clássicos (tomísticos), ensina a ler a realidade *a parte fidei* ou *a parte Dei* (*Suma Teológica*, Q I, a. 3; a. 7). E na contemporaneidade insiste Adolphe Gesché (2003) que a teologia ensina a pensar a partir de Deus. A teologia pensa o conjunto e as dimensões da realidade a partir dessa referência radical. Esse universo hermenêutico de grande potencial analítico, permite operar em diálogo com as pré-noções dos estudantes desencadeando uma circularidade crítica e criativa com o novo que é oferecido nos discursos acadêmicos, no *theo-logos* inculturado na universidade (TRACY, 2006, p. 42-53).

A conjuntura atual é um momento que desafia as interpretações por aquilo que esconde e pelo que revela. Ir além do senso comum, das ideologias e das teodiceias regulares não é uma tarefa simples, mas certamente urgente. A verdade é instantânea e dispensa esforços de compreensão, uma vez acessível a cada indivíduo por toque digital. O desafio que se coloca é fazer a ruptura epistemológica (BACHELARD, 1996, p. 10-17) com esses discursos imediatos e oferecer ferramentas coerentes, claras e pedagógicas para os alunos aprenderem a separar, a julgar e decidir. A crise atual oferece uma oportunidade ímpar de discernimento crítico. Os estudantes estão mergulhados em um volume gigantesco de informações (fatos, interpretações e, até mesmo, metafísicas), mas estão também abertos ao discurso coerente que desvele os fatos, ofereça critérios claros de leituras e, até mesmo, diretrizes éticas de ação. Ajudá-los a distinguir o falso do verdadeiro no pandemônio informacional atual é um imperativo da verdade que liberta.

3. O discernimento da pandemia: nível dos fatos

O que Francisco afirma sobre a terra na Encíclica *Laudato Si'* se aplica a nós em relação à pandemia. “Nada desse mundo nos é indiferente” (3). A pandemia acorda a todos de algumas ilusões apregoadas pelas doutrinas econômicas e políticas, o que, de alguma forma, todos vivenciam nas práticas diárias. Uma *nova razão do mundo* (DARDOT-LAVAL, 2016) se encontrava em marcha e se impunha de forma cada vez mais hegemônica em todo o planeta. Vale enumerar as ilusões básicas formuladas em dogmas econômicos neoliberais (a não intervenção no mercado autossuficiente e o estado mínimo sem compromisso com o bem-estar social), oferecidas em novos modelos políticos (pautas da segurança e da absoluta soberania nacional que constrói muros para se defender) e vivenciadas na rotina dos indivíduos e coletividades (o ajuste entre produção-consumo-satisfação e a crença na estabilidade da ordem moderna). O mundo de funcionamento estável e de estrutura naturalizada pelo regime econômico do capitalismo global, se mostrou instável, frágil e relativo. Foi desnaturalizado pelo vírus e trouxe à tona a verdade esquecida de que tudo é construção histórica mutável.

O Covid-19 instaurou uma conjuntura inédita que desmoronou as verdades teóricas e práticas da noite para o dia. A pandemia tem sido uma “pedagogia cruel”, no dizer de Boaventura Sousa Santos (2020). Os Estados injetaram grandes somas de

recursos no mercado sem debates e até com cerimônias públicas solenes. A malfadada função social do Estado (segundo afirmava do dogma neoliberal fora a responsável pela falência dos mesmos) foi retomada desesperadamente e, em muitos casos, fracassadamente na criação de políticas de renda mínima e de socorro público à saúde. O mundo todo assistiu ao espetáculo de retomada das políticas públicas por parte de governos de todos os vieses ideológicos. E o vírus atravessou não somente a grande muralha na direção do Ocidente, mas rompeu com os muros físicos, políticos e jurídicos que visaram cercar os migrantes inoportunos para preservar as economias estáveis (PASSOS, 2020, p. 95-112). As seguranças foram desfeitas. A máxima marxiana ecoa: “Tudo que é sólido desmancha no ar”!

4. Discernimento da pandemia: nível das interpretações

A quebra dos dogmas econômicos e políticos pode ser vista a olho nu nos quatro cantos do planeta. Não é difícil perceber que se tratou de uma estratégia de salvação econômica e política dos regimes estabelecidos, antes de qualquer ética do social ou de socorro caritativo aos pobres. É o mercado e os governos tentando salvar a si mesmos da hecatombe anunciada pelo isolamento social. A estratégia imediata foi salvar as empresas e o mercado consumidor da falência. Pergunta mais imediata: o mercado globalizado vai permanecer o mesmo? Haverá algum deslocamento estrutural (DOWBOR, 2020b) para outro tipo de economia? Os governos soberanistas e o modelo democrático liberal darão lugar a um novo modelo? A casa comum será finalmente cuidada com algum tipo de gestão planetária?

A leitura da ciência se mostrou politicamente forte e foi capaz de dividir o planeta entre duas grandes compreensões: a oferecida pelos cientistas, pela OMS e órgãos afins e as leituras políticas governistas (caso típico de Trump e Bolsonaro). A ciência nunca foi tão social e tão política (e também tão ética) como nessa conjuntura; mostrou a realidade não somente biológica e sanitária da pandemia, mas direcionou os países e governos para as estratégias do isolamento social, mesmo quando os donos do capital ameaçavam seus países com a ideia de uma hecatombe econômica mais fatal que as próprias mortes.

As leituras religiosas também demarcaram o território com suas interpretações e ofertas de soluções. Sobre essas, se poderia construir uma tipologia: as leituras

deterministas, as escatológicas, as dualistas, as mágicas, as realistas etc. Os sujeitos religiosos retiraram e reproduziram de seus capitais religiosos os seus discursos. Os pentecostais – evangélicos e católicos – tiraram de fragmentos bíblicos explicações e soluções para a crise. Os católicos resgataram as devoções (novenas, procissões com Santíssimo, crucifixo na porta, recitação do rosário etc.). Os espíritas reafirmaram as interpretações deterministas da purificação dos espíritos em processo de ascensão. Os esotéricos falaram em purificação da natureza pela própria natureza. Em todos os casos, a ideia de forças externas à natureza e à história, atuantes como condutoras do processo presente direcionou essas leituras. Cada qual revelou no fundo suas teodiceias, buscando salvar Deus e salvar os seres humanos. Evidentemente, outras leituras religiosas mais elaboradas de natureza teológica estiveram presentes nas declarações da CNBB, de entidades eclesiais e do Papa. Os dados empíricos disponíveis nas mídias oferecem uma riqueza de leituras para quem pretenda estudar a questão da presença pública da religião, da função ideológica dos discursos religiosos ou do papel ético da mesma. Como em toda crise, buscam-se os culpados pelos fatos e, até mesmo Deus, pode ser colocado no banco dos réus. A tarefa de ler os fatos com a fé e com a razão, dando a cada qual seu lugar continua sendo a tarefa que evita distorções e manipulações no momento de explicar as causas reais e os significados profundos dos acontecimentos históricos. A pandemia clama pela teologia.

5. Discernimento da pandemia: nível dos significados

Edgar Morin define as crises a partir de duas chaves: a revelação e as consequências (WIEVIORKA, 2013, p. 147-149). A própria noção de crise (*krisis*, do grego) evoca em suas origens médicas a ideia de um conjunto de sinais ou sintomas que permite desvelar o significado de um quadro até então velado e sem significado preciso. A crise traz à luz aquilo que está escondido e sem um significado coerente. E o que estava escondido? Antes de tudo a própria crise que já se encontrava em curso. Nesse aspecto pode se falar em confluência de crises (DOWBOR, 2020a), em desvelamento de crises configuradas nas esferas global e local que se encontravam em curso. No Brasil essa percepção chega a ser simples; pode-se, de fato, falar em crise, de crise da crise, ou seja, crise econômica > crise política > crise da pandemia. A pandemia foi um momento de desvelamento escandaloso de insuficiências estruturadas nos regimes instituídos pelo mundo afora e, de modo caricato, no Brasil. O país se encontra em plena dissolução

política do governo atual.

A pandemia mostrou a fragilidade do sistema-mundo hegemônico; revelou as falácias do regime econômico vigente, a fragilidade dos sistemas de saúde, a pobreza mundializada; expôs o fracasso dos regimes autoritários centrados na ideologia da soberania absoluta e a ineficiência dos muros e das políticas sociais adotadas pelos governos; tornou pública o ceticismo em relação à ciência, a negação dos fatos em nome dos interesses de poder e a ambiguidade das leituras religiosas.

As leituras da pandemia mostram a sociedade da informação eficiente e da pós-verdade. No contexto brasileiro, verdade e mentira se misturam e as notícias falsas se tornam pautas de militância política e religiosa. As fantasias políticas e religiosas se tornaram verdades e se completaram, criando visões conspiratórias, deterministas, preconceituosas e desumanas. Tudo em nome da pátria, de Deus, dos pobres, da prosperidade econômica e social etc.

Qual o lugar do professor como sujeitos de discernimento? Certamente são muitas as frentes e tarefas, sendo a ética da vida um pressuposto determinante de todo discurso que queira pautar-se na verdade de razão e na verdade de fé. Sobre esse aspecto há que frisar uma postura positiva – um sinal dos tempos? – Quando a ciência e a ética se mostraram parceiras de uma mesma causa. A defesa da vida foi assumida como princípio e meta das leituras oferecidas pelas interpretações das ciências. E os autênticos defensores da vida buscaram nas ciências as mediações justificadoras de suas posturas e decisões.

Dentre as tarefas de discernimento, duas de cunho analítico se apresentam como desafios urgentes para quem visa ensinar a ler a realidade a partir da fé e da razão. As leituras da pandemia, até mesmo as mais realistas e fundamentadas nos números têm revelado um déficit analítico gritante. As notícias e os dados oficiais narram os números, mas não explicam as causas, quando não escondem as mesmas causas. A manipulação confessada dos dados da pandemia pelo governo brasileiro foi um caso emblemático dessa estratégia ideológica. As curvas estatísticas das mortes e das contaminações desenham um quadro social mais ou menos nítido. Mas a leitura quantitativa não mostra por si mesma as causas. A ideia subjacente às informações veiculadas foi, de fato, somente a de um acidente biológico (uma fatalidade sanitária)

ocasionada por um vírus que saiu de um morcego (?) ou de algum outro ser na China e se espalhou pelo mundo. Além dessa leitura fatalista, a leitura de uma igualdade pandêmica se fez presente. O covid-19 contaminou a todos indistintamente. Somos todos iguais. Se, perante a condição biológica e a morte, todos, de fato, se igualam, do ponto de vista da contaminação real e das mortes reais, o vírus é socialmente definido. A pandemia mapeou novamente os pobres da terra. O vírus tem classe social, definiram logo cedo alguns pensadores europeus e estadunidenses (HARVEY, 2020). Onde o vírus matou mais? Pobres e trabalhadores! Pobres, negros e latinos nos EUA. Populações socialmente vulneráveis do norte e nordeste e das periferias das grandes cidades do Brasil. Matou também em maior número trabalhadores que não puderam abandonar seus postos e que atuaram nas linhas de frente, inclusive nos hospitais. O drama e a tragédia dos números expressam os dramas dos pobres do planeta, sem acesso à renda mínima e à saúde. E não haverá dúvida de que na crise pós-pandemia os pobres continuarão a pagar a conta mais pesada da fragilização econômica. As mídias pouco falaram das contradições sociais inerentes à expansão e consequências da pandemia. Foi tratada como algo natural, mero acidente e ser explicado e controlado pelas ciências e pelas políticas públicas. A pandemia trouxe à tona essa verdade social e ética escondida sobre as gritantes contradições sociais instaladas no capitalismo financeiro e nas distrações consumistas planetárias.

Uma outra tarefa para o professor de teologia não poderia ser senão de cunho teológico. As leituras religiosas atravessaram os discursos explicativos e até mesmo de solução do Covid-19. A religião usurpou muitas vezes o lugar da ciência e a ciência não considerou uma ética teológica, embora tenha, de fato, se orientado por princípios relacionados ao valor da vida. A teologia – como *logos* que faz o discernimento da crise histórica - esteve quase sempre ausente, dando lugar a “teologias fáceis” dos destinos traçados, dos bodes expiatórios, da prosperidade, das súplicas e das saídas mágicas. O clássico problema – na verdade, problema teológico fundamental – da relação entre Deus e o mal (teodiceias) esteve ausente das leituras, até mesmo das leituras realistas da igreja católica e das igrejas que praticam teologia propriamente dita. Prevaleceu com frequência, nessas igrejas, a leitura da oração pela pandemia a intercessão pelos mortos e os apelos éticos pelo confinamento. A teologia fundante do cristianismo não parece ter ocupado seu lugar original e imperativo. Pouco se expressou sobre a teologia da cruz,

do Deus crucificado que assume a crise, a dor e a morte por dentro e grita com as vítimas; o Deus pascal que nos chama para o interior do dinamismo da morte-vida, da crise e da superação, do sofrimento e da esperança; o Deus que exige empatia com a dor do outro e solidariedade com os que sofrem, onde quer que esteja. O Deus todo poderoso e capaz de mudar o curso das coisas se sobrepôs ao Deus amor que se relaciona com a humanidade na liberdade e na condição inevitável de contingência.

Essa teologia da dor e do limite sem solução, do grito de Jó, do grito do crucificado, do choro dos inocentes, do sofrimento dos justos e dos caixões da pandemia exige outras elaborações que, muitas vezes, colocam em questão as teodiceias tradicionais ou populares, decepciona as expectativas religiosas do Deus todo poderoso e desautoriza os rituais mágicos afinados às dinâmicas de consumo. Nada disso interessa ao mercado das satisfações religiosas. É a teologia escandalosa e louca de que fala Paulo. O discernimento teológico exige sempre a distinção entre fé e magia, teofania dos raios e teofania da cruz, discursos e silêncios, Zeus e Abbá. “Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens” (1 Cor, 1,25).

Referências bibliográficas:

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo; ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOWBOR, L. Além da pandemia; uma convergência de crises. In PASSOS, J. Décio (Org.). *A pandemia do coronavírus; onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020a.
- DOWBOR, L. *O capitalismo se desloca; novas arquiteturas sociais*. São Paulo: Edições Sesc, 2020b.
- ESTRADA, J.A. *A impossível teodiceia; a crise da fé em Deus e o problema do mal*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- FRANCISCO. *Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- GADAMER, H.-G. *Verdade e método; traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: vozes, 2002.
- GESCHÉ, Adolphe. *O mal* (Coleção Deus para pensar). São Paulo: Paulinas, 2003.
- HARVEY, D. et. al.. *Coronavirus e a luta de classe. Brasil*: Terra sem amos, 2020.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MONTENEGRO, D. O covid-19 e nosso longo transe político. In AUGUSTO, C. Brandão-SANTOS, Rogério D. *Pandemias e pandemônio no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

- PASSOS, J. D. (Org.). *A pandemia do Coronavirus; onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.
- SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.
- TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica* Vol. I. São Paulo: Loyola, 2001.
- TRACY, D. *A imaginação analógica; a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. São Leopoldo, 2006.
- WIEVIORKA, M. Crise financeira ou mutação social? *In* CASTELLS, M. *et. al.* (Org.). *A crise e seus efeitos; as culturas econômicas da mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.